

RESENHAS

FRONTEIRAS E ENCRUZILHADAS DE UM TEATRO DE ORIGEM

Zeca Ligiéro é um pesquisador e artista incansável das performances culturais afro-ameríndias. A sua vida acadêmica e as suas experiências de vida se confluem e formam cruzos que estabelecem conceitos de base para o seu mais recente livro, lançado em 2019, que traz o título *Teatro das origens: estudos das performances afro-ameríndias*.

Há 23 anos, Ligiéro criou, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), o Núcleo de Estudos de Performances Afro-Ameríndias (NEPAA). No viés criativo e artístico, seus trabalhos acadêmicos dialogam com a necessidade – inseparável da experiência – de vivenciar as celebrações e rituais vindos de tradições e com a convicção sobre a importância do **corpo a corpo** como ação de pesquisa e vida que se entrelaçam. Essas fronteiras entre a ciência acadêmica e os saberes ancestrais perfuram pragmatismos e hierarquias. Nesse sentido, este livro evidencia a necessidade de revisitar e atravessar outros horizontes performáticos vindos das Américas, bem como do continente africano e da Turquia, no intuito de traçar relações com os nossos **brasis** e as suas tradições.

Na introdução do livro, é importante destacar e reafirmar que o teatro de origens não quer ser definido como um início histórico, mas sim como um movimento contínuo que se revela entre ligações do passado, presente e futuro. Em tais ligações, o teatro é uma rede de linguagens que envolve canto, dança, batuque, encenações e rituais que, por sua vez, são inseparáveis, ao contrário da ideia que o mundo eurocêntrico quer implantar de emoldurar cada função sem enredamentos e diversidades. O conceito de teatro de origens demonstra um conjunto de ações que tece em rede e estabelece um diálogo com um tempo mágico e permeado por encantamentos.


As escritas do livro trazem a importância de uma religação com as forças da natureza, valorizando nações e povos marginalizados pela cultura dominante colonizadora. Tais performances, discutidas na publicação, incluem os saberes de povos originários, como os das diásporas africanas, e dialogam com os saberes e experiências orais tradicionais, igualando, assim, tanto os ritos quanto as festividades como tão relevantes quanto a definição absolutista do teatro nas instituições acadêmicas.

Na experiência real, cada capítulo evidencia definições diferentes para teatralidade, expressas a partir de festas populares, rituais sociais, culturais e religiosos, além de outras expressões performáticas. Ao fazer isso, Ligiéro

Juliana Bittencourt

Manhães

Artista, pesquisadora e docente de Atuação Cênica na Unirio. Coordena o Coletivo Matuba, o grupo de pesquisa Pedagogias Brincantes e o Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias (NEPAA). Faz parte do Laboratório Artes do Movimento. E-mail: juliana.manhaes@unirio.br



reafirma a participação do sujeito individual em uma dimensão coletiva. Em nenhum momento o autor questiona a validade do teatro ocidental em si, apenas demarca uma crítica à perspectiva hegemônica autoritária ao recuperar a experiência do sensível das tradições e valorizar suas relações com o sagrado, dignificando o teatro como um desdobramento do ritual. São, assim, outras relações que entrelaçam cosmogonias e epistemologias de nascimentos diversos. Tais encruzilhadas também tecem um embate contra o colonialismo e outras repressões institucionais engessadas.

Os textos-capítulos são escritos-pensamentos que atravessam margens, não porque chegam a conclusões precisas, mas porque têm o intuito de revelar realidades diversas e confrontar as características e qualidades do que o autor está chamando de teatro das origens. Não se trata de uma obsessão por chegar a um início originário, como já foi dito, mas sim por defender as matrizes e motrizes dessas performances como uma árvore viva e em diálogo com o momento presente.

Sendo assim, já no primeiro capítulo, *Características e qualidades do teatro de origens*, Ligiéro dissecou a relação entre os elementos cênicos e “como o ritual se transforma em teatro”. (LIGIÉRO, 2019, p. 35) No segundo artigo, intitulado *Teatro ameríndio ancestral: performance, ritual e festa em narrativas pré-colombianas*, o autor tece relações entre

[...] os elementos da dança e suas complexas coreografias, o uso de máscaras, os elaborados desenhos corporais, a arte plumária, o canto, as brincadeiras e a dramatização de animais selvagens e seres encantados mitológicos, além do profundo sentido ritualístico. (LIGIÉRO, 2019, p. 91)

Ligiéro destaca, assim, a relação entre tradição oral e a encenação como o processo de restauração do comportamento ancestral.

No terceiro capítulo, nomeado *Danças de brincantes do Brasil e dança dos dervixes da Turquia: diferenças por contrastes – jogo, ritual e espetacularização*, Ligiéro revela que pontos de contato e diferenças são “parte de um estudo comparativo entre as performances religiosas e seculares provenientes da África e presentes no Brasil junto com as de outras tradições do mundo árabe/turco”. (LIGIÉRO, 2019, p. 129) Em *Goro Vodun (Togo e Gana) e Mapiko (Moçambique): teatro de divindades que brincam com a violência humana*, o quarto capítulo, o autor analisa “o desenvolvimento de um estudo comparativo da produção de dois grupos étnicos distintos, cujos

elementos urbanos e rurais encontram-se imbricados num mesmo tipo encenação nascida no bojo do ritual”. (LIGIÉRO, 2019, p. 165)

Já em *Matrizes culturais: do ritual à cena contemporânea a partir de duas performances: Sotzil Jay (Maia, da Guatemala) e Danbala Wedo (Afro-Brasileira, do Benin, Nigéria e Togo)*, o quinto capítulo do livro, em que Ligiéro escreve sobre a relação das matrizes culturais pensando do ritual à cena contemporânea, o autor afirma que “para entender as relações do corpo com a espiritualidade e a filosofia africana, principalmente dentro do ritual e também em situações do entretenimento, no sentido de resguardar a tradição” (LIGIÉRO, 2019, p. 199), é necessário vivenciar as tradições no corpo para em um momento seguinte revelar essas matrizes que viram matrizes nas artes da cena.

O sexto e último capítulo é *Palhaço sagrado e santo brincalhão: a origem do princípio ao fim*. Nele o autor escreve sobre o sagrado e o riso em personagens tanto da tradição católica quanto das “tradições africanas, afro-ameríndias e ameríndia, pela sua proximidade com a natureza, e dotadas de uma cosmovisão ecológica”. (LIGIÉRO, 2019, p. 234)

Além desses capítulos, há um prefácio, escrito por José Assad Cuéllar, professor da Universidade Distrital Francisco José de Caldas de Bogotá, na Colômbia, e um posfácio conclusivo de Ligiéro, em que firma os encontros que teve durante as suas jornadas de pesquisa. Tal movimento de ideias e reflexões mostra que se trata de um livro resultante de uma vasta pesquisa, que nos revela as possibilidades de vislumbrarmos a diversidade do que denominamos como “teatral”, ampliando o conceito e os estudos das performances no Brasil e no mundo.

Sejam bem-vindos(as) à outra jornada crítica. Lançado em 2019, pré-pandemia, este último livro do artista e pesquisador Zeca Ligiéro nos proporciona uma viagem instigante por escritos de muitos territórios e que tanto nos fazem experienciar sensações, cheiros, imagens e muitos giros.

Referências

LIGIÉRO, Z. *Teatro das origens: estudos das performances afro-ameríndias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. 296 p.